



ENSINO, SEQUÊNCIA DIDÁTICA E LEITURA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Rogério Marcelino dos Santos Melo – UEPB

Rogeriomarcelino.lettras2013@gmail.com

Magliana Rodrigues da Silva - UEPB

maglianarodrigues@hotmail.com

RESUMO: As práticas pedagógicas são constantemente alvos de discussão no que tange à sua eficácia em sala de aula. Propor métodos de ensino inovadores e que façam com que o aluno signifique a sala de aula como um ambiente lúdico a atraente é a meta de todos os professores. Para tanto, é necessária uma mudança no comportamento do professor para que as aulas sejam mais atraentes para os alunos e para que o trabalho seja mais eficaz. No que concerne às aulas de Língua Portuguesa, o trabalho deve basear-se em um método que possa trazer o aluno a um contato com a língua em toda a sua materialidade através de gêneros textuais que possam fornecer subsídios para o aprendizado eficaz e que possa ser utilizado nos mais diversos contextos de uso da língua. O objetivo deste artigo, é pois, analisar o trabalho em sala de aula, mediante a experiência de estágio em língua portuguesa no ensino fundamental. Este trabalho resulta da experiência enquanto professor estagiário numa turma de 9º ano do ensino fundamental numa escola estadual situada no município de Campina Grande-PB.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, sociedade, prática.



INTRODUÇÃO

A atividade do ensino configura-se como uma atividade complexa que demanda trabalho, dedicação e esforço. Essa prática requer, antes de mais nada, o conhecimento prévio no que concerne a sua realização de maneira satisfatória; por isso, a relação entre a teoria e a prática se estabelece de maneira intrínseca fazendo com que um funcione em consonância com o outro.

A formação do docente está no meio desses dois campos que corroboram discussões sobre como elaborar métodos que tornem a sala de aula um ambiente atraente e produtivo para os alunos. É na atividade de estágio que o aluno das licenciaturas entra em contato com a realidade escolar, com a realidade dos alunos e com a realidade dos métodos de ensino vigentes.

Esse período coloca em funcionamento todas as teorias até então estudadas nas disciplinas teóricas. Algumas são validadas no contato com a sala de aula, outras são desconstruídas mediante a reflexão do aluno em diálogo com a prática de sala.

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem. (Parâmetros curriculares nacionais / Língua Portuguesa. 1998: p.22)

Durante esse período do curso, é importante que o estudante de graduação possa elaborar seus próprios questionamentos, sempre colocando as teorias em diálogo com a realidade vivenciada. É em contato com o trabalho árduo da docência que o aluno se coloca na posição de sujeito mediador de trocas de conhecimento conduzindo o aluno da escola de educação



básica a um direcionamento novo sobre o conteúdo ali ensinado. vale salientar, pois, que esse período é também o momento de colocar o aluno em contato com a leitura de modo a formá-lo um leitor crítico e consciente de seu papel na sociedade.

Este trabalho resulta da experiência enquanto professor estagiário numa turma de 9º ano do ensino fundamental, e da inquietação em relação a um trabalho eficiente que promova ao aluno do ensino básico um contato com a leitura e forme um leitor crítico e consciente de seu papel social.

A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UM DIÁLOGO ENTRE A LEITURA E A SOCIEDADE

A literatura e leitura são dois assuntos indissociáveis. O ato de ler promove o contato do aluno com a literatura, uma vez que ela se materializa através da escrita. Indissociável também é a relação que esses dois campos científicos e artísticos mantêm com a escola. É na escola que os alunos das séries iniciais chegam com a premissa do aprendizado da leitura, e é também na escola que a literatura é “ensinada”. A literatura pode ser considerada, por excelência, um dos sistemas que corroboram a prática social da leitura. É através da literatura que há o diálogo entre as demais disciplinas e campos do saber. O maior desafio na perspectiva do ensino é, pois, que o professor saiba mesclar esses campos do saber com a leitura literária na sala de aula. Geografia, história, hermenêutica filosófica, sociologia são disciplinas e campos do saber que se relacionam com frequência nas obras literárias e que tornam a literatura um saber inter/multi/ transdisciplinar.

“Ao trabalhar com a leitura literária, o professor pode orientar os alunos para a função ideológica dos textos literários, na medida em que antes de se transformar em discurso estático, subverter a ordem provável da língua para alcançar determinados efeitos de comunicação, a literatura se alimenta na fonte de valores de cultura.” (GONÇALVES FILHO *Apud* MARTINS, 2006 p.90)



A escolarização da leitura literária, atualmente, é um tema bastante debatido no que tange à reflexão das práticas pedagógicas em uso. Nesse contexto de reflexão é válido salientar que há diversas práticas nos mais diversos ambientes escolares. Há de se lembrar, também, que há duas maneiras bem distintas de se ensinar literatura: uma maneira adequada e uma maneira inadequada. Uma maneira adequada de ensinar literatura é aquela em que o aluno é conduzido à prática da leitura literária como uma prática social, que ressignifica as suas experiências de vida, que confronta a realidade em detrimento de um conhecimento e que faz com que esse aluno seja um amante da leitura. “É necessário que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico e social, instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade”. (MARTINS, 2006: p.90). Vista por essa ótica, a leitura da literatura na escola poder-se-ia revelar com um aporte de conhecimentos sistemáticos no qual o aluno é preparado para refletir questões cotidianas do mundo e de si mesmo.

Uma maneira inadequada – diga-se de passagem, a mais frequente na escola – diz respeito a um conjunto de fatores que levam o aluno a desenvolver uma verdadeira aversão ao hábito da leitura, além de marginalizar a leitura como uma prática social. A essa maneira inadequada estão aliadas as atividades de reconhecimento de fragmentos de texto, memorização de datas, autores, obras principais e valores estéticos de cada obra, além das tradicionais fichas de leitura, nas quais o aluno é direcionado a ler de acordo com o que essas fichas dizem. Essa maneira inadequada de leitura literária conduz o aluno a uma visão única acerca do texto literário. Cabe expor que a maneira inadequada de se ensinar literatura diz a respeito, muitas vezes, ao ensino para passar no vestibular. Ora, se um professor “finge” que ensina e um aluno “finge” que aprende literatura, o reflexo dessa prática é, de fato, negativo. Mesmo que aquele aluno não siga uma carreira ligada às ciências linguísticas ou literárias, é necessário que a literatura seja, de fato, ensinada e aprendida; não apenas porque um aluno pode seguir a carreira de professor de Língua e Literatura, mas porque o aluno, através do ensino e da leitura literária, adquire conhecimentos que permitem que ele responda questões



de ordem moral e social.

Cabe ao professor (e somente a ele) o exercício diário de colocar o seu aluno em contato com a leitura, formando um leitor crítico e consciente de seu papel na sociedade, além de um leitor que saiba analisar as suas próprias experiências vivenciadas tendo como subsídio para essa análise uma densa e vasta leitura literária.

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E ENSINO: UMA PROPOSTA DE ADEQUAÇÃO À REALIDADE DA ESCOLA PÚBLICA

O ensino da língua portuguesa tem se configurado uma problemática em relação a sua eficácia e a métodos inovadores que promovam essa eficácia. No que tange ao trabalho com a leitura em sala, essa problemática torna-se ainda maior pelo fato de que grande parte do alunado da educação básica brasileira não tem familiaridade alguma com a prática da leitura, nem em sala de aula, nem fora dela. Diante dessa problemática criam-se propostas de trabalho que promovam o contato do aluno com a leitura, de modo que esse torne-se um leitor com o mínimo de proficiência. Aliadas a estas propostas de ensino inovador e (talvez) mais eficaz, estão as sequências didáticas (doravante SD): conjunto organizado e bem planejado de estratégias que versam sobre o ensino e produção de gêneros textuais e literários de maneira sistemática. Lino de Araújo (2013, pág. 32) define a sequência didática como “[...] um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais”. Esse modelo de trabalho foi proposto por DOLZ et al (2004, pág. 97) e vem sendo difundido nas escolas brasileiras com uma certa rapidez. Para os autores citados o objetivo da SD é “[...] favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação.” (DOLZ et al, *apud* LINO DE ARAÚJO. 2013, Pág. 32).

O objetivo da adoção desse método de trabalho nas aulas de Língua Portuguesa é levar o aluno a ler, produzir, reconhecer e diferenciar os mais diversos gêneros de modo estável e com o mínimo de adequação a cada estilo, forma composicional e características do gênero ensinado. Porém, quando essa proposta de trabalho é levada ao ambiente escolar da nossa



realidade, é válido salientar que existem determinadas restrições quanto ao modo de trabalho com as SDs. A proposta original do expoente grupo de Genebra prevê uma produção inicial que faz um diagnóstico da situação em que se encontram os conhecimentos dos alunos sobre determinado gênero. O que é interessante ressaltar é que, em grande parte dos casos, o aluno tem pouca ou nenhuma prática de leitura e conseqüentemente de escrita. De acordo com os PCNs “para boa parte das crianças e dos jovens brasileiros, a escola é o único espaço que pode proporcionar acesso a textos escritos” (1998, pág. 25). Vale lembrar de que a seleção de textos é parte fundamental no processo de ensino com seqüências didáticas. A adequação a realidade preferencial dos alunos é outro ponto de grande destaque, uma vez que colocar o aluno em contato com conteúdos de seu universo torna o processo de familiarização com a leitura menos radical. Dessa maneira, o trabalho com as seqüências didáticas nas escolas brasileiras requer uma série de adaptações para que esse se torne aplicável com mais facilidade. Levando em consideração estes pontos, cabe ao professor planejar, organizar e executar o trabalho com seqüências didáticas de acordo com a realidade de cada turma, de cada escola, ou até mesmo, de cada aluno. Não se trata de priorizar as particularidades de cada um deixando de lado outros alunos, mas de organizar listagens com as dificuldades mais comuns em sala de aula, a fim de esquematizar o trabalho com estratégias de ensino que englobem todas as dificuldades. Diante de trabalhos organizados, sistematizados que levam em consideração os vários aspectos da realidade envolvidos nesses trabalhos, será possível iniciar uma prática escolar voltada para a formação de jovens leitores.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA E ESTÁGIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

No dia sete de maio de dois mil e quinze começamos a intervenção inerente ao estágio supervisionado II, obrigatório, na Escola Estadual Solon de Lucena. O trabalho de intervenção baseou-se na aplicação de uma seqüência didática na turma do 9º ano do ensino fundamental da referida escola. Esse planejamento incluía uma carga horária de vinte aulas, que foram organizadas em encontros; assim, tivemos 20 aulas em 10 encontros. Foram dez encontros realizados, entretanto para fins de análise serão utilizados como *corpus* apenas três desses



encontros.

O objetivo maior dessa intervenção foi proporcionar aos alunos do ensino fundamental o contato direto com a leitura através de gêneros textuais e literários. Na configuração desse objetivo principal, estava também o contato inicial dos alunos com a literatura a partir de poemas e crônicas literárias, a promoção de um caráter interdisciplinar nas aulas de língua portuguesa e o fomento a aquisição de conhecimentos de cunho social. A sequência didática aplicada na turma possuiu uma temática - a saber, amizade – pela qual os gêneros textuais e literários foram selecionados para o trabalho. É válido expor que, além do tema central da sequência, houve subtemas que fomentaram as discussões dos encontros e também nortearam a seleção dos gêneros trabalhados. Eram cinco subtemas que se dividiram em dois encontros cada subtema.

Ora, baseados numa realidade em que, nas escolas públicas (ou pelo menos em grande parte delas), não há a prática constante da leitura, a aplicação da sequência didática é interpretada como um fruto de uma inquietação em relação à formação de leitores proficientes e, conseqüentemente, escritores com o mínimo de adequação a esta prática.

No nosso primeiro encontro, trabalhamos com a leitura e discussão dos poemas “A amizade é uma amor que nunca morre”, de Érico Veríssimo, e “os olhos também falam”, de Sebastião José Alexandre Filho. Analisando o nosso primeiro encontro, pudemos constatar as falhas existentes nas aulas de Língua Portuguesa em relação ao espaço destinado a leitura, a forma como a tradição nas aulas é passada ao longo dos anos aos alunos e a falta de discussões que elaborem questionamentos de cunho social nas aulas. Em uma conversa com a professora da turma, percebemos como a disciplina prioriza, antes de tudo, as aulas estritamente conteudísticas.

Como a proposta era trabalhar apenas com gêneros textuais, sentimos, logo na primeira aula, o estranhamento dos alunos em relação ao trabalho que estávamos realizando na turma. Terminado o encontro, percebemos que a turma esperava por algo a mais na aula. Esse “algo a mais” era justamente a tradicional atividade em sala ou atividade para casa. Constatamos a



existência de uma tradição passada de ano em ano na qual as aulas só têm validade quando “amarradas” com a escrita ou com atividades mecânicas pelas quais os alunos apenas reproduziam o que foi dado na aula. Dessa maneira, o espaço das aulas que tivemos foi destinado à leitura, porém o estranhamento dos alunos foi muito visível. Ora, se todos são acostumados a receber a proposta de uma atividade para ser realizada em casa ou na sala de aula, é obvio que esses alunos receberão uma nova proposta de trabalho advinda de estagiários com certo receio. Nesse caso, a inovação nas aulas, com espaço voltado apenas a leitura foi recebida pelos alunos da maneira que relatamos acima. Porém explicamos sobre a importância do desenvolvimento da leitura a partir do trabalho com gêneros, uma vez que a leitura visa a uma formação de um sujeito leitor, crítico de sua participação no meio social e capaz de argumentar a respeito dos mais diversos temas. No nosso segundo encontro, apresentamos uma reportagem sobre amizade na escola e estabelecemos um contraponto entre o poema do encontro anterior e a reportagem do encontro em questão. Em análise desse encontro, pudemos observar como trabalho com a literatura, mesmo que não seja institucionalizado no ensino fundamental, reserva-se a um espaço mínimo nas aulas de língua portuguesa. O que é trabalhado nas aulas (quando muito) são apenas poucas, poucas mesmo, fábulas sem qualquer relevância ou qualquer contextualização. Esse trabalho muitas vezes é destinado apenas a atividades que acompanham esses textos, sempre mecanizando o ensino. Ora, se sabemos que o texto tem aplicabilidade em várias formas de trabalho nas aulas de língua portuguesa, é válido salientar o trabalho com a leitura deve ser constante. Válido também é lembrar que os modos de abordagem da literatura devem levar em consideração não apenas as expectativas do professor em relação ao texto, mas as vivências experienciadas pelos alunos em seu cotidiano. Pudemos contatar essa afirmação na nossa prática, a partir do momento em que os alunos passaram a questionar o modo como a sociedade define a amizade e também os seus próprios conceitos de amizade. No terceiro encontro, foi iniciado o trabalho com o segundo subtema da nossa sequência didática; este tratou das diferenças nas relações de amizade entre homens e mulheres. Houve o trabalho de leitura e discussão do gênero



tirinha, um gênero bastante conhecido pelos alunos e que deu ao encontro em questão uma dinâmica bastante positiva. Analisando esse encontro, pudemos perceber como o modo de abordagem do gênero textual que leve em consideração a realidade do aluno é importante na seleção dos textos a serem trabalhados. Temas atuais, que confrontem as concepções da turma são meios de estabelecer discussões proveitosas. Prova disso foi a própria aula dada por nós, na qual todos os alunos se envolveram na discussão, mostrando seus pontos de vista. Uns alunos com mais eloquência, outros com mais timidez, porém todos participaram. Pudemos observar um saldo bastante positivo no que se refere ao direcionamento da aula.

Diante desta breve análise, pode-se constatar o quão importante é o ensino da língua Portuguesa em consonância com a realidade social e com discussões que coloquem os alunos em contato com a produção do conhecimento, não apenas linguístico-textual, mas com o conhecimento de assuntos de cunho social. É nas aulas de língua portuguesa que o aluno deve entrar em contato com esses assuntos através dos mais variados textos, sejam eles literários ou não. É do professor a tarefa de estabelecer a relação direta entre o aluno e a realidade social e a materialização da língua nos textos, para que esse aluno seja mais do que um leitor, seja também um crítico de sua posição social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do ensino, como dito antes, é uma atividade complexa que demanda esforço, trabalho e dedicação. É sabido que não existem métodos prontos que nos apontem a melhor forma de ensinar, e tampouco que as universidades preparem alunos para serem docentes perfeitos. Entretanto, é possível que as universidades formem profissionais capazes de refletir as práticas em vigência a fim de que, a partir de seus saberes enquanto novos profissionais, possam elaborar métodos que se adequem a cada realidade. Embora não seja possível acertar em tudo o que se faz, é possível refletir mediante o seu erro de modo a reelaborar, reestruturar as suas estratégias para que elas sejam viáveis da próxima vez. Como disse Piaget, até no erro há uma lógica que molda o caminho para o acerto.



Este trabalho resultou da experiência enquanto professor estagiário numa turma de 9º ano do ensino fundamental. Essa experiência mostrou-se, deveras, enriquecedora no que concerne a formação de das práticas e estratégias de ensino.

Diante deste contexto, conclui-se e acredita-se que a proposta de trabalho que realizamos em sala de aula é atraente para os estagiários, e enriquecedora para os alunos. Entretanto há de se considerar as mais diversas condições de produção do aluno em detrimento de um trabalho mais eficaz e mais real no que versa sobre a realidade da escola pública. Não podemos (nem devemos) deixar de frisar a suma importância que o trabalho com a sequência assume enquanto promotor da formação de um aluno leitor e proficiente, mas também não podemos deixar de sugerir um modelo adaptado de sequência que consiga aliar os tópicos gramaticais mínimos necessários à formação do aluno à leitura diária e real de gêneros textuais e literários. Acreditamos na junção desses dois pontos como uma tentativa de preencher parte das lacunas deixadas pelo ensino tradicional estritamente gramatical e de considerar o tão merecido espaço da leitura na sala de aula. Só dessa forma, refletindo e colocando essas reflexões em prática, será possível transformar a realidade escolar nas aulas de Língua Portuguesa num espaço de ensino inovador e eficaz.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997 p.19-89.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998 p.20-85.

MARIA, Luzia de. **Leitura de colheita: Livros, leitura e formação de leitores.** 2. Ed. – Petrópolis: vozes,2008



MARTINS, Ivanda. **A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: Português no ensino médio e formação do professor.** / Clécio Bunzen, Márcia Mendonça (org.), Ângela B. Kleiman ... [et al] – São Paulo : Parábola editorial, 2006.